

Moema

Artur Finizola

www.aiegua.com.br – artur@aiegua.com.br

Parte 1 – Prólogo

Moema sempre que saia pro rio, deitava ao lado da palmeira mais alta e ali descansava horas a fio. Longe de seu povo, seu mundo se transformava na beleza mais doce, na ingenuidade infantil que algumas pessoas de 20 anos ainda conseguem preservar. Neste dia não foi diferente. Ouvindo a brincadeira dos peixes e o canto dos pássaros, Moema dormiu.

Nos primeiros dez minutos, sonhou que em uma outra vida nascera em forma de borboleta, com asas que mais pareciam pétalas de flores amarelas, daquelas de se enfeitar o cabelo e derreter qualquer rapazote desta e de qualquer outra região.

Sendo borboleta, Moema voou delicada por toda a floresta e passeou pelas plantações de morango, até chegar ao Vale das Macieiras e ali descansou, feliz de ser a representação divina de toda a sutileza e perfeição da natureza.

Foi assim por mais três quartos de hora. Entre um suspiro e um sonho, entre um rosto repousado nos braços e um sorriso de olhos fechados: felicidade. Moema não queria mais acordar, sentia-se rainha de toda a primavera. Até que ouviu um cantar estranho, uma melodia bonita e suave ao pé do ouvido, estranhamente ela se sentia protegida e quis perguntar: “Quem é você que canta como cantam meus desejos?”...

“Eu sou o anjo que toca teus cabelos enquanto você dorme, que te acaricia e te faz sonhar. Eu sou o anjo que te suspira felicidade, mesmo que teus olhos carnis não enxerguem. Eu sou a reencarnação do que um dia foi teu ventre, sou tuas sílabas, teus versos e tuas palavras. Eu sou você ontem e te fazendo feliz por todo um amanhã” – Foi a resposta.

Não mais sendo uma borboleta, mas continuando dormindo, imaginou-se princesa num castelo entre nuvens e fantasias. Lá, em meio às paredes de tijolos feitos de vidros e espelhos, Moema se sentia zonga por ver apenas o reflexo de suas vontades. O sapo escritor, a quem nossa heroína consultava sobre as histórias do amor, vivia a galantear sonetos de admiração. Moema lia, mas não entendia. No castelo dos sonhos, nem tudo era alegria.

Lembrou-se o sapo de certo diálogo com seu amigo Canário:

- Cuidado canarinho bonito, cuidado ao cuspir para cima!
- Mas é preciso cuspir, meu caro. Não importa o lado.

Moema

Artur Finizola

www.aiegua.com.br – artur@aiegua.com.br

Parte 2 – A fuga e a felicidade

Anura corria em direção ao primeiro lugar mais longe possível. Em sua memória existia todo o costume de seu habitat natural. Entre uma passada e um pulo, uma pegada e uma poça, sentia que nada mais seria como antes. De mala e cunha, e o medo agarrado entre os lábios, ele fugia como um touro daltônico em direção ao vermelho.

Finalmente chegou a um lugar desconhecido qualquer, onde se sentia parcialmente seguro. Ali acampou. Puxou da maleta um pequeno caderninho e lapidou alguns próximos versos. As letras, a luz da lua cheia, as sombras das folhas e as linhas do papel, da posição em que se encontravam seus olhos, formaram a imagem de uma moça debruçada em uma janela. E a tal moça morena sorria, mas não um sorriso inteiro, lá dentro de seu sorriso faltava alguém.

Então foi só o pensamento criar asas e Anura podia ver claramente, que aquela moça desenhara um projeto arquitetônico quase perfeito e mandara construir tudo aquilo em algodão feito de céu. Ele sentia o que ela sentia, talvez ela não soubesse, mas com certeza ele sabia.

E assim foram as imagens em seu caderno, página por página. Até que os rascunhos viraram rabiscos e surgiu a primeira palavra:

- Oi!!

- Oi :) - Foi sua resposta, segurando o susto na garganta.

- Tudo bom?

- Tudo sim?

- Cadê que nunca mais te vi?

Anura pulou para trás. "Como assim nunca mais me viu?" - Pensou olhando para aquele diálogo nas linhas de seu pequeno caderno - "Ela sabe quem eu sou?"

- Quem é você? Como é seu nome? Onde você vive? - Perguntou ele em seqüência absurda, mesmo que de certa forma já soubesse.

- Chamo-me Moema e vivo no mundo dos sonhos.

- Já andei nesse mundo e tudo era lindo, mas não sei se quero voltar.

Moema

Artur Finizola

www.aiegua.com.br – artur@aiagua.com.br

O diálogo varou a madrugada, os dois se gostaram, talvez só como amigos. Falaram do justo e do injusto, dos desejos e de suas coisas preferidas. Não falaram de beijos, mas falaram muito de almas queridas.

Alguns dias depois, após longa noite de sono, Anura acordou e veio seu primeiro pensamento:

- Talvez só como amigos?

Parte 3 - Em busca da fantasia perdida

Estava frio e Moema escrevia alguns pensamentos nos vidros de sua janela, mas não obtinha nenhuma resposta. Nem sabia exatamente o que queria. Ou sabia, mas sabia que não podia. Aquilo estava deixando-a confusa e exausta e já fazia alguns dias que ela não conseguia falar com o sapo escritor sobre suas desventuras de amor.

Do outro lado, no mundo real, Anura sentia certa angústia batendo em seu peito. Ele sabia que não devia, mas correu de volta pelo caminho que há alguns dias ele fugia com tanta veemência.

Quanto mais adentrava em sua jornada, mas sentia na pele dores e pontadas. Com o tempo, descobriu se tratar de palavras e imaginou que fosse princesa Moema tentando lhe escrever alguma notícia do mundo das fantasias. Puxou seu caderninho e lhe perguntou o que seria. Não obteve resposta. Algo estava fora de sintonia...

Até que gotas caíram do céu como raios cheios de força e eletricidade, Anura pulou para um lado, pulou para um outro, encostou-se a uma árvore e ali ficou a pensar no que estaria errado para haver tanta nuvem negra lá no alto.

- Nuvem... O castelo das nuvens - Era dali que vinha tanta chuva, talvez fosse ali que a garota dos rabiscos em seu caderno morasse. Assim ele pensou.

Então Anura criou coragem e foi subindo pelo temporal, escalando-o gota a gota, até chegar à primeira nuvem e daí para segunda e terceira, chegando à porteira do magistral castelo de espelhos.

Moema

Artur Finizola

www.aiegua.com.br – artur@aiagua.com.br

Parte F – O Castelo da Solidão

Anura finalmente entrou no castelo de vidros e espelhos e começou a andar pelos longos corredores em busca de sua, até então, amiga imaginária. Mas o castelo era traiçoeiro e a cada passo, o sapo escritor via uma imagem distorcida de seu passado, às vezes ruim, às vezes boa de mais e aquilo tudo trazia saudade e esta trazia consigo dor.

Ele sabia que não seria fácil e que o caminho seria cheio de armadilhas perigosas e mesmo que aquilo tudo doesse como estilhaços em seu peito, educado pela santa mãe natureza, nosso herói continuou por meio de seus devaneios e assim passeou por fios de cabelos, gostos, cheiros, pêlos e beijos. A dor, de tão forte, até parecia indolor: estado vegetativo. Após muitas lembranças, angústia, desespero e raiva, ele bate numa porta de vidro fosco, esta se abre e ele entra pelo aposento. Bem no meio se encontrava Moema em sua forma feminina mais atraente.

A sala que os dois estavam era escura, mas podia se ver bem cada detalhe de todos os objetos. O chão era feito de calçada de praça antiga; as paredes eram decoradas com livros, discos e vinhos; no meio havia um tapete vermelho com bordas douradas que ligavam as duas únicas portas que poderiam ser usadas como saídas, uma no lado oposto da outra. Alguns outros objetos menos interessantes havia ali, mas o silêncio da observação foi quebrado pela moça:

- Você veio.
- Não sabia se devia, mas eu vim. Vim te contar uma história de ninar.
- Por favor, chegue mais perto.
- Não, está bom assim.

E Anura começou a narrar sua história e falou sobre uma indiazinha que sempre sonhava que era borboleta e sempre que esta indiazinha dormia, sempre embaixo da mesma palmeira, um pequeno sapo com o dom da palavra ia até seu ouvido e narrava as aventuras mais doces da linda borboletinha amarela. Disse que o sapinho gostava também de cantar uma melodia bonita que era para quando ela acordar, ficar com aquilo tudo em seu peito.

- E o sapo virou amigo da tal indiazinha? – Interrompeu Moema.
- Ainda não sei. Ele veio procurar por ela. Mas tudo é muito confuso e ela criou um mundo de imagens distorcidas e se trancafiou dentro dele, formando ao seu redor um grande labirinto. Ela já está nisso há muito tempo.

Moema

Artur Finizola

www.aiegua.com.br – artur@aiagua.com.br

- Eu acho que você a achou... - Falou Moema meio sem jeito.
- E o que falta agora?
- Não sei. E o que falta agora?

O diálogo foi interrompido pelo silêncio e este por pequenos sorrisos. Os dois finalmente haviam se encontrado, não importava mais o que faltava, só era preciso andar, de preferência juntos. Então Anura toma fôlego e coragem, salta algumas vezes se aproximando e ouve de Moema:

- Contador de histórias...
- Princesa Moema... – Ele responde e convida – Conheço um lugar onde podemos colher ótimas cerejas, vamos comigo?

Moema olha para o longe, olha ao redor e para os espelhos. Ele percebe que ela chora um choro sem lágrimas e acaba pensando um pouco alto:

- Cheguei um pouco tarde.

Ela confirma com um gesto de cabeça e mesmo assim ele insiste:

- Vamos às cerejas?

Ela fala:

- Espera. Sou vou aqui resolver algo...

Ela se afasta um pouco, conversa com alguns espelhos, atravessa o tapete vermelho, abre a porta de vidro negro e some. O resto foi bem pior que a falta de qualquer coisa que já tenha existido: A lembrança de algo que nunca vai existir.

- Fim? -